

O Mundo em Português Nº15

Dezembro 2000

Carlos Cardoso - Elogio fúnebre

Mia Couto

(extracto da Mensagem à Família e Amigos Próximos)

*"Não basta que seja pura e justa a nossa causa
É preciso que a pureza e a justiça existam dentro de nós"*

- Jorge Rebelo

Não estamos chorando apenas a morte de um homem. Não foi apenas Carlos Cardoso que morreu. Não mataram somente um jornalista moçambicano. Foi assassinado um homem bom, que amava a sua família e o seu país e que lutava pelos outros, os mais simples.

Mas mais do que uma pessoa: morreu um pedaço do país, uma parte de todos nós.

Venho falar de um amigo e, em nome da família, celebrar uma pessoa única que se atribuiu a si mesmo uma missão – a de lutar por um mundo guiado pela verdade. A essa luta ele dedicou toda sua vida. E viveu cada minuto do seu tempo como quem lutava – com total paixão. Há poucos dias Carlos confessou à sua esposa Nina:
- A vida deu-me mais que eu queria.

Era, quem sabe, a antevisão da despedida? Mas Cardoso não tinha medo de morrer. Dizia isto com frequência. Não se tratava de uma declaração grandiloquente. Ele não temia a morte porque acreditava na reencarnação. E, de todos os modos, ele estava certo. Cardoso está vivo em seus filhos. Em sua esposa, Nina. Cardoso está vivo em nós que, à nossa maneira, continuaremos o seu espírito inventivo e inovador.

Foi este homem solitário mas solidário que, em finais da década de oitenta mostrou a Nina, com ingénuva vaidade, uma terra onde ela poderia ser feliz. Foi este homem que, sob a aparência de um trato ríspido, se dedicou por inteiro a seus filhos e se entregou a uma ideia de família que ele foi aprendendo a construir.

Em tudo que fazia deixou a marca da originalidade. Por isso, Carlos Cardoso não foi apenas um profissional da informação. Ele descobriu um outro modo de comunicar. Para ele, o jornalismo era apenas um instrumento para criar e divulgar pensamentos. Cardoso construiu, assim, um veículo de intervenção, pesquisando alternativas, apontando soluções. Não havia denúncia leviana e fácil nem a arrogância de ter opinião sem estudar primeiro.

A sua aposta era mostrar que a transparência e a honestidade eram não apenas valores éticos mas a forma mais eficiente de governar. A transparência e a verdade foram a sua melhor defesa sempre que foi confrontado com a ameaça. Foi o ser puro e de mãos limpas que o tornou num homem temido. Foi o ter recusado sempre as vantagens do Poder que o tornou numa pessoa tão poderosa.

Nos últimos anos, Cardoso confessou sentir-se solitário, saudoso desse em que se projectou como ideal – Samora Moisés Machel. Era, sobretudo, a saudade de uma utopia em que nos sonhávamos donos de nós mesmos, sem ter que mendigar ao

mundo a migalha da nossa sobrevivência.

Foi este patriota, este pai, este companheiro e amigo que nos roubaram. Foi esta vida que ceifaram num momento em que dele tanto se podia esperar.

Liquidaram um defensor da fronteira que nos separa do crime, dos negócios sujos, dos que vendem a pátria e a consciência. Ele era um vigilante de uma coragem e inteligência raras. Cardoso era um dos melhores de nós.

A pergunta que nos cabe fazer é – quantos de nós ainda terão que pagar com a vida? Quantas vezes teremos todos que morrer? Depois de morrerem todos os Carlos Cardosos que ainda restam o que é que vai sobrar de Moçambique?

O sentimento que nos fica é o de estarmos a ser cercados pelo selvajaria, pela ausência de escrúpulos dos que enriquecem à custa de tudo e de todos. Dos que acumulam fortunas à custa da droga, do roubo, do branqueamento de dinheiro e do tráfico de armas. E o fazem, tantas vezes, sob o olhar passivo de quem devia garantir a ordem e punir a barbárie.

Uma última pergunta nos fica – que país queremos deixar aos nossos filhos? Um país inviável, uma nação governada pelo medo? Ou queremos uma nação de paz, em que vale a pena ser-se justo e honesto? Porque se queremos essa outra nação, então alguma coisa vai ter que mudar. E mudar radicalmente.

A questão é que já muitos de nós estão perdendo a crença nessa mudança. Após tanta mentira, tanta traição é natural esse desalento. Mas, em nome do nosso próprio futuro compete-nos vencer esse esmorecimento. Porque é isso que pretendem os que mataram Cardoso e estão matando a nossa pátria. Que abandonemos a crença e aceitemos, com conformismo, a ordem do crime organizado.

Dirigimo-nos aos governantes preocupados com o seu país, aos homens honestos e patriotas do governo moçambicano: não se pode deixar este crime impune.

Tem que se descobrir e castigar quem matou e, sobretudo, quem mandou matar. Mas não basta que se encontre e se punam os criminosos. É preciso esclarecer os crimes que foram ficando amortecidos em intermináveis inquéritos. É vital evitar os assassinatos próximos que continuarão punindo outros cidadãos justos.

Esta morte põe à prova os governantes deste país. São eles que devem responder com actos, investigando não apenas este como outros crimes que foram deixados impunes. E investigando com a mesma idoneidade com que Cardoso pesquisava os seus assuntos. Este não é um pedido aos que nos governam. É uma exigência da sua própria legitimidade histórica.

E já não bastam palavras, declarações de sentimento. Esperam-se actos, medidas que restabeçam a moral e os valores. Cardoso espera esse empenho não apenas do governo mas de todos nós. A verdadeira homenagem a Carlos Cardoso não é ainda esta cerimónia. A homenagem maior começa depois, na forma como fizermos do quotidiano uma batalha pela verdade. O nosso amor pela nossa terra não pode mais ser confrontado com a impunidade dos que mancham e envergonham Moçambique. A dignidade deste país não pode esperar mais.

Certamente seria isto que Cardoso nos diria se estivesse aqui hoje. Como, de facto, está nesta outra forma de estar presente.